UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA CÂMPUS POSSE

LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS

IRAILDES PEREIRA DE SOUSA PASSOS

MARIA LÚCIA GOMES DE SANTANA

AS REPRESENTAÇÕES DO CAVALEIRO MEDIEVAL NO HERÓI INDIANISTA

POSSE - GO

NOVEMBRO/ 2016

IRAILDES PEREIRA DE SOUSA PASSOS
MARIA LÚCIA GOMES DE SANTANA

AS REPRESENTAÇÕES DO CAVALEIRO MEDIEVAL NO HERÓI INDIANISTA

Monografia apresentada á Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Posse, para a obtenção de grau de Licenciatura em Letras: Português/Inglês. Orientador (a): Profª. Dra. Jane Adriane Gandra

POSSE – GO

NOVEMBRO/ 2016

COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS - INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Iraildes Pereira de Sousa Passos e Maria Lúcia Gomes de Santana

Título: As representações do cavaleiro medieval no herói indianista

Monografia defendida e aprovada em _____/_____/ 2016

Com NOTA _____ ( ), pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

_____

Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra
Universidade Estadual de Goiás
Orientadora

_____

Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha
Universidade Estadual de Goiás
1º Examinador

_____

Prof.ª Esp. Assíria Caldeira de Souza Universidade Estadual de Goiás
2º Examinador

_____

Prof.ª Esp. Isaura Maria Mendonça
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

_____

Prof.º Ms. Alcemir Pinheiro Ribeiro
Coordenador Adjunto de Trabalho de Curso

Dedicamos este trabalho, primeiramente a Deus, a quem nós recorremos nos momentos difíceis. Aos nossos familiares que nos dão todo apoio necessário quando precisamos. Aos nossos professores que foram muito importantes nessa caminhada e ao nosso esforço individual, que nos fez chegar até aqui.

“A literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem”.

(Louis Gabriel Ambroise de Bonald).

Agradecemos primeiramente a Deus por nos conceder o dom da vida e por ter nos guiado nessa etapa de nossas vidas.

A nossas famílias que durante esses quatro anos nos incentivaram, dando força e coragem para podermos vencer os desafios, partilhando alegrias, dificuldades, esperanças e utopias.

A todos os professores que de forma direta ou indiretamente contribuiu significativamente para que pudéssemos realizar esse trabalho. E a nossa orientadora Dr. Jane Adriane Gandra, pela dedicação, paciência e confiança depositada em nós, tornando possível a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar as representações do cavaleiro medieval no herói indianista e fazer uma aproximação entre dois romances românticos: Ubirajara e Eurico, o presbítero, como forma de verificar as características que os assemelham e diferenciam um do outro. Nessas narrativas, procuraremos evidenciar os principais fatos que são peculiares nos heróis da idade média, como: moralidade, fidelidade, justiça, força e valentia. O referente tema está sendo abordado por representar uma parte da história cultural brasileira no período Romântico, explicitado em José de Alencar e comparado a Alexandre Herculano da literatura portuguesa. O trabalho foi elaborado, através de pesquisas bibliográficas, para dar sustentação e veracidade aos conteúdos apresentados. Nessa perspectiva, a representação indígena no romance "Ubirajara" vem ressaltar a fase em que o Brasil passou a engrandecer sua cultura e a busca por identidade nacional torna-se o principal objetivo, e o índio é o nosso cavaleiro medieval.

Palavras-chave: Ubirajara; Jose de Alencar; Índio; cavaleiro medieval; Romantismo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representations of the medieval knight in indianista hero and make a connection between two romantic novels: Ubirajara and Eurico, the priest, in order to verify the characteristics that resemble and differentiate them from each other. In these narratives seek to highlight the main facts that are peculiar in middle age heroes like: morality, loyalty, justice, strength and courage. The related issue is being approached to represent a part of Brazil's cultural history in the Romantic period, explained in José de Alencar and compared to Alexandre Herculano of Portuguese literature. The work was done through literature searches, to give support and truth to our contents. *In* this perspective, indigenous representation in the novel "Ubirajara" is to emphasize the stage where Brazil started to aggrandize their culture and the search for national identity becomes the main goal, the Indian are the medieval knight.

Keywords: *Ubirajara,* José de Alencar, Indian; medieval knight; Literature and Romanticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO I.....12

1.1 José de Alencar, o Romantismo e o indianismo. 12

1.2. Uma introdução do Romantismo no Brasil:.....16

1.3. A representação do índio nos romances históricos de Alencar 18

CAPÍTULO II.....22

2. Uma leitura de UBIRAJARA 22

2.1. Características do herói no romance Ubirajara 30

2.2 O índio representante da nossa “época medieval”.....36

CAPÍTULO III.....39

3 Eurico, o presbítero e as características do herói medieval. 39

3.1. Eurico e Ubirajara, dois heróis medievais. 41

CONCLUSÃO.....48

REFERÊNCIAS.....50

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, este estudo intitulado, “As representações do cavaleiro medieval no herói indianista”, tem como objetivo destacar as características relativas ao índio brasileiro na obra *Ubirajara* de José de Alencar, como a transposição do cavaleiro medieval, apresentada em *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano.

Para tanto, nesse trabalho iremos apresentar conceitos e afirmações referentes à evidenciação aborígene na literatura nacional, especificamente em Alencar, que o aproximou das narrativas épicas, sendo o principal nome entre os romancistas da estética romântica no Brasil. O mesmo exaltou a cultura e os feitos dos nativos, com finalidade de consolidar a criação artística do país.

Nessa tentativa de idealização do mito nacional, o autor fez um retorno ao passado histórico, que foi uma característica do Romantismo e concebeu o índio como um ser totalmente poetizado, dando a ele caráter de nobreza, de justiça, com noções de moralidade e fidelidade, sendo tudo isso aplicado em sua vida na sociedade a qual pertencia.

As qualidades expostas no protagonista do romance alencariano são inspiradas no herói medieval da literatura europeia. Seus feitos e atitudes possuem aspectos de natureza fantástica, denotando a força e a valentia do guerreiro em defesa dos seus ideais. Portanto, as características particulares que são encontradas em *Ubirajara*, podem também ser relacionadas a *Eurico, o presbítero* sendo possível estabelecer uma ligação entre ambos no que se refere ao medievalismo.

Para desenvolver esta discussão este estudo foi dividido em três capítulos, sendo que no primeiro fizemos um resumo da vida e obra de José de Alencar, discutindo sobre as características do Romantismo, mais especificamente sobre indianismo. Depois, abordarmos de maneira clara as características do herói indianista, para relacioná-las em seguida com as características do herói medieval. Nesse capítulo, abordamos ainda sobre a questão que, apesar de Magalhães ser o introdutor, Gonçalves Dias e José de

Alencar consolidaram o romantismo no Brasil, publicando suas produções de cunho indianista e nacionalista.

O novo ambiente, valorização da cor local e o espaço eram descritos com fidelidade, enaltecendo o lugar e suas peculiaridades. Para transformar ainda mais o movimento romântico, Alencar tornou-se o mais reconhecido, tanto no Brasil como em outros países, sobressaindo com as suas obras de cunho nacionalista, romancista e histórico.

No capítulo seguinte, fez-se necessário enfatizar os traços do personagem protagonista, de como Alencar descreveu sua trajetória no romance, do comportamento no desenrolar da trama, bem como sua bravura, força e fidelidade com a nação indígena.

É imprescindível denominarmos críticas sobre características no herói no romance, destacando-se os autores que expuseram seus pontos de vista sobre a criação do herói na literatura, da busca de identidade e conquista da independência cultural brasileira. O indígena foi o representante de muita relevância no romance histórico, por meio desse ícone foi evidenciado o valor da liberdade, tendo o índio como símbolo de emancipação no cenário político, espiritual e social.

Por fim, no subtítulo, “Características do herói medieval nas narrativas históricas”, expõe que o trabalho foi baseado em Ubirajara de José de Alencar e Eurico o Presbítero, de Alexandre Herculano, que tem o cavaleiro medieval como herói cheio de determinação e forte, que lutava para defender sua nação e a pátria.

No terceiro capítulo, foi destacado o enredo, espaço, tempo e análise dos personagens presentes na obra Ubirajara de José de Alencar. Sendo assim, o enredo consiste no desfecho da história, de como acontece o desenrolar dos fatos narrados pelo escritor. No que tange ao espaço, é o local onde os conflitos, enlaces amorosos e lutas aconteceram. O tempo denomina o período do fato acontecido.

As personagens são figuras indispensáveis na narrativa, cada uma desenvolve seu papel, comportando de maneiras e sentimentos distintos. Daí a importância de saber qual a função desenhada no romance, denominando-os se é protagonista, de

maior destaque, na qual tudo gira em seu entorno e personagens secundários, que não tem grande importância na trama. Enfim, cada um tem sua personalidade, comportando-se de modo que enaltece a criação do artista.

CAPÍTULO I

1.1 José de Alencar, o Romantismo e o indianismo.

Sendo o índio a principal figura de destaque do romantismo brasileiro, convém ressaltarmos nesse trabalho, sua representação histórica para o engrandecimento da arte nacional. Nesse momento épico é de suma importância evidenciar a contribuição de José de Alencar, escritor brasileiro que elevou a literatura, no período em que havia a necessidade de afirmação da cultura do país, que vivenciava grandes transformações no campo político e social.

José de Alencar, um dos mais ilustres escritores do período Romântico brasileiro, nasceu em Mecejana- Ceará no dia 1º de maio de 1829. Época marcada por grandes transformações no cenário político e cultural do país. Alencar é filho de uma relação ilegítima, pois seu pai José Martiniano de Alencar era um sacerdote da igreja católica, que teve um romance proibido com dona Ana Josefina de Alencar, e dessa união nasceram doze filhos, sendo José de Alencar o primogênito da família.

A data do nascimento de Alencar coincide com uma efervescência no campo político, porque sete anos antes D. Pedro I havia proclamado a independência do Brasil e se tornado Imperador. Pouco tempo depois em 1831, o mesmo abdicou-se do cargo, por causa das grandes pressões sofridas, interna e externamente, deixando o cargo de Imperador para seu filho, em seguida retornou-se para a Europa.

Em face de tantos acontecimentos extraordinários, vivia Alencar, o qual veria mais tarde o pai tornar-se senador e depois, governador do estado do Ceará. Aos onze anos mudou-se para o Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, onde o mesmo foi matriculado em um colégio de instrução elementar.

Alencar cursou Direito pela Universidade de São Paulo de 1845 a 1850. Ao concluir o curso, começou a atuar como advogado no Rio de Janeiro, contudo, tinha

como grande paixão a literatura. Foi a partir de então, que ele começou a produzir suas obras literárias.

Esse escritor de grande renome na literatura brasileira, na qual consolidou o romance no Brasil, buscava retratar com fidelidade os fatos acontecidos na sociedade, como no que tange a sua posição política e social. Nota-se, que os romances escritos por ele seguem modalidades diferentes, onde se subdividem em romances urbanos, históricos, regionalistas e indianistas.

A cada obra escrita, José de Alencar procurou retratar o que acontecia nas cidades, fazendas, enfim, acontecimentos que marcaram a fase romântica da literatura brasileira. No entanto as obras que ficaram conhecidas como indianistas, foram os três romances: *O Guarani, Iracema* e *Ubirajara,* que teve mais ênfase em todos os seus escritos, onde o autor refletiu sobre o nacionalismo, tendo como objetivo exaltar a pátria e a natureza com a exaltação do índio, elevando a figura indígena, tendo o mesmo como herói nacional.

Foi com sentimento de patriotismo que o autor simbolizava as riquezas, os mitos, tradições e costumes seguidos por cada habitante na época, no caso os aborígenes, e com essas características apresentada pelo índio, o escritor enfatizava ainda mais nos seus escritos, isso com o intuito de abrasileirar os textos produzidos por ele.

José de Alencar ao escrever suas obras ele relata sobre o romance histórico e urbano, sendo que o primeiro evidencia sobre a vida na corte e os acontecimentos de realce na sociedade, onde o Rio de Janeiro se destacava por ser à cidade sede da monarquia brasileira.

Em meio aos fatos, sempre havia motivos para surgir um enredo, esse por sua vez tratava de aventuras amorosas e assim, ele aproveitava para poder traçar o perfil da mulher que iria ser o grande destaque em sua obra. Temos como exemplo o livro *Senhora*. Nota-se, que no romance urbano José de Alencar faz menção a críticas relacionadas à burguesia, denunciando a desigualdade social, no sentido de expor, revelar as mazelas do estado e do povo brasileiro, principalmente as regiões que não estavam no mesmo patamar dos estados bem desenvolvidos.

Diante do passado histórico, o escritor vê fatos acontecidos como um momento literário marcante da colonização do Brasil, lugar em que os europeus vieram em busca da exploração dos recursos e belezas que até então não eram reconhecidas, passando a lutar pela expansão e domínio do território, visando à busca pelo ouro e exploração das riquezas naturais.

Destacam-se como romance histórico *As Minas de Prata* e *Guerra dos Mascates,* obras estas que evidenciam a alusão da política do império e o contexto social do período vivenciado na época.

> Mais importantes, todavia do que os ambientes são as relações humanas que estuda em função deles. Como em quase todo romancista certa envergadura, há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria dos seus livros, o movimento narrativo ganha força graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens. As posições sociais, por sua vez, estão ligadas ao nível econômico, que constitui preocupação central nos seus romances da cidade e da fazenda. (CÂNDIDO, Antônio, 2000, p. 204)

Percebe-se que, Alencar procurava retratar em seus escritos, os problemas da sociedade, com críticas a respeito desse contexto, por meio do seu conhecimento e inteligência culta. Os personagens nos romances dele representam as contradições vividas pela sociedade.

A produção literária de José de Alencar apresenta certo dinamismo, pois nela encontramos várias temáticas abordadas. Um dos temas frequentemente revisitados pelos leitores, amantes do gênero é a questão da valorização do índio, outro relevante que podemos citar, está explicito nos romances de caráter urbano, com assuntos voltados as questões de origens sociais.

Em narrativas urbanas, destaca-se entre outros de grande relevância na produção de Alencar, o romance *Senhora*. Nele conta uma história cheia de contrastes, onde a temática que mais se enfatiza está relacionada a questões sociais. Tem-se como principal conflito, a busca pela ascensão social e a mulher que se rebela, por não aceitar as condições impostas pela sociedade gananciosa.

O casamento é exposto nessa trama, como um meio de enriquecimento e de elevação social. O amor é o componente que rege os acontecimentos em função do

dinheiro, sendo o mesmo a causa da desilusão dos personagens. Afrânio Coutinho cita que:

> Em Senhora que é um dos romances mais bem constituídos de Alencar realiza uma boa crítica à educação tradicional, ao casamento por conveniência – simples contrato de interesse econômico – construindo, ao mesmo tempo o mundo ideal acima da realidade circundante, com as mesmas personagens que haviam sido vítimas de casamento por dinheiro.
>
> (COUTINHO, Afrânio, 2002, p.262)

Nesse contexto social que engloba o casamento, explicito na obra, o autor vem nos mostrar que apesar desse conflito de interesses que há no quesito do enlace matrimonial, houve uma mudança de comportamento no caráter do homem romântico, representado na narrativa por Fernando Seixas, que se arrependeu do seu ato de ambição ao desprezar o amor verdadeiro pelo dinheiro.

Ao lado do romance histórico, temos como um dos mais importantes, *Iracema*, mais conhecido como lenda do Ceará. Com essa publicação, Alencar alcançou muito sucesso, pois nele, o autor destacou os nativos, exaltando as belezas naturais da região e em consequência, homenageou seu estado natal, no qual o inspirou na produção desse romance tão especial para a cultura nacional.

> Iracema a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo de jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo. O pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra, com as primeiras águas. (ALENCAR, José de, 2005, p. 14).

Constata-se que, os índios são descritos de maneira poetizada pelo autor, porque a forma como são citados é totalmente distante da situação real vivenciada por eles. A partir desse pressuposto podemos inferir que, ao colocar os aborígenes como foco central de suas narrativas, Alencar os aproximava de uma nação civilizada, remetendo aos romances europeus.

Os romances históricos nas narrativas alencarianas são frutos da imaginação criadora do artista, que fez um retorno ao passado, com intuito de encontrar nessa esfera, a figura mais natural possível, para dar autenticidade literária ao país recémliberto politicamente.

Retornar ao passado era característico da literatura europeia. Os romancistas europeus, entre eles Alexandre Herculano, iam buscar representantes lendários e figuras mitológicas para servirem como base na composição de suas obras. Os heróis revisitados por eles ficaram conhecidos como cavaleiros medievais, homens fortes e guerreiros, que lutavam pela justiça, com juramentos de fidelidade aos seus senhores.

Aqui no Brasil, os heróis eram os índios, expostos como forma de afirmação e orgulho da nação. José de Alencar foi o principal idealizador do mito selvagem, ao dá-lo status de herói, com traços que o aproximava do protagonista da literatura europeia. Afrânio Coutinho cita que:

> A tendência universal do Romantismo de remexer no passado nacional, de rebuscar nos escombros medievais o que de melhor aí ficara da alma e da tradição de cada povo, encontraria no Brasil a melhor receptividade, pois um dos nossos problemas era o de afirmar frente a Portugal o espírito nacional brasileiro, graças ao qual queríamos ser independentes, não só do ponto de vista político, mas também do ponto de vista cultural. A nossa idade média, o mais recôndito e autêntico do nosso passado teria de ser, pelo menos poeticamente, a civilização primitiva, pré-cabralina.
>
> (COUTINHO, Afrânio, 2002, p. 259)

De acordo com o autor, o Brasil almejava por encontrar em seu próprio meio, algo que desse contribuição para sua consolidação cultural, então retornar ao passado seria buscar em sua civilização já existente, antes mesmo da chegada dos portugueses, um modelo puro que ainda não havia sido corrompido por costumes estrangeiros.

Portanto, a partir da visão desses dois tipos de romances Alencarianos, pode notar-se que ele era um intelectual esclarecido quanto às necessidades sociais e culturais do país, o qual se preocupava em discutir em suas manifestações, os problemas da vida cotidiana.

1.2. Uma introdução do Romantismo no Brasil:

A introdução do Romantismo brasileiro se deu com Gonçalves de Magalhães, um dos principais ativistas da Revista Niterói, a qual foi um meio utilizado para apresentar a cultura nacional ao mundo. Por meio desse veículo de informação, vários

escritores puderam expor suas produções, podendo a partir disso ganhar reconhecimento internacional.

Após a iniciação feita por Magalhães, aparece no cenário literário Gonçalves Dias. Este por sua vez, consolidou a estética romântica com suas publicações de caráter indianista e nacionalista, estabelecendo um novo ambiente de criações voltado à valorização da cor local, através das descrições dotadas de peculiaridades.

Dentre os principais autores aqui citados, surge um dos mais imponentes intelectuais desse período, José de Alencar, que foi um crítico ferrenho do poema de Magalhães intitulado “A confederação dos tamoios”, sendo que a partir dessa polêmica, ele começou a se destacar no ramo literário. O mesmo se transformou em um dos mais célebres poetas desse movimento, que mudou o cenário cultural e intelectual da nação.

Nota-se, que apesar de Gonçalves de Magalhães ter introduzido o Romantismo no Brasil, foi José de Alencar que se tornou o mais conhecido dentro e fora do país. O mesmo se sobressaiu com suas obras de cunho histórico, romancista e nacionalista. Alencar se apresenta como o poeta mais lembrado da fase romântica. Com os romances *O Guarani, Iracema* e *Ubirajara*, consolidou sua tríade, despontando como os mais lidos entre várias gerações.

Por todo aparato de grande expressão obtido pelo escritor, reconhecemos seu valor e importância para o desenvolvimento, consolidação e afirmação da cultura local, por meio da utilização de elementos próprios do contexto ao qual estava inserido. Antônio Cândido qualifica sua arte como:

> Mais consciente e bem armada do que suporíamos à primeira vista. Parecendo um escritor de conjuntos, de largos traços atirados com certa desordem, a leitura mais discriminada de sua obra revela, pelo contrário, que a desenvoltura aparente recobre um trabalho esclarecido dos detalhes, e a sua inspiração, longe de confirmar-se soberana, é contrabalançada por boa reflexão crítica. Tanto assim, poderíamos dizer, que na verdade não escreveu mais de dois ou três romances, ou melhor, nada mais fez, do que os vinte e um publicados, do que retomar alguns temas básicos nos experimentou e enriqueceu, com admirável consciência estética, a partir do compromisso com a fama, assumido no Guarani.
>
> (CÂNDIDO, Antônio, 2000, pag. 211)

Percebe-se, que o autor o considera um escritor consciente e conhecedor da riqueza dos temas postos em destaque nos romances escritos por José de Alencar,

enfatizando sobre a importância da cultura indígena, especialmente em *O Guarani*, que foi seu primeiro livro da tríade indianista.

Tendo o Romantismo como o grande momento de expressão literária, tornase importante ressaltarmos a influência de grandes autores que fizeram desse período, um dos mais relevantes da história do Brasil. Foram eles que elevaram a cultura nacional, buscando reverenciar as coisas que eram próprias da terra. Essa foi uma arte revolucionária, que se afirmou em mostrar ao mundo as belezas naturais, por meio do talento individual de artistas renomados como: José de Alencar, Gonçalves de Magalhaes, Gonçalves Dias entre outros.

A base do artista romântico para obter elementos próprios de expressão, foi por excelência o culto ao nacionalismo e o índio. Esses temas impulsionaram os intelectuais das letras a escreverem de forma altamente particular, sem perder em qualidade e eficiência. Portanto, entendemos o período Romântico como uma fase emancipadora, como expõe José Veríssimo:

> A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência politica. Mas o sentimento que o moveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento, manifestado literariamente, que dá a nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia. (VERÍSSIMO, José, 1977, p. 89).

Em consonância com o autor, nota-se que havia no espírito dos letrados brasileiros, ânsia de liberdade, uma vontade imensa de aparecer para o mundo com autenticidade, sem deixar de valorizar seu próprio meio. Este favorecia como em nenhum outro, a inspiração para criar a partir disso, produções de caráter peculiar, exibindo o que tínhamos de melhor, como o primitivo e o natural.

1.3. A representação do índio nos romances históricos de Alencar

Nos romances históricos de Alencar, o índio é representado como principal protagonista da literatura. O mesmo é comparado ao herói medieval, como uma

extensão da europeia. A figura aborígene é descrita em Alencar, como nação de contornos civilizados, fazendo dessa forma, uma idealização do homem de caráter primitivo, vivendo em uma sociedade organizada de acordo com seus princípios.

Nessas narrativas também é possível de se notar, que o autor buscava elevar a cultura da raça nativa, por meio do próprio ambiente ao qual se inseriam. Ao ler as obras de caráter indianista, constantemente o leitor poderá encontrar traços que revelam o meio onde eles vivem, com descrições minuciosas da fauna e da flora brasileira, o que enriquece ainda mais o texto.

A natureza em si, funciona como o lugar ideal para dar verossimilhança às ideias do narrador. A mesma é usada como uma das principais fontes de inspiração para o escritor. O indígena e o ambiente se encaixam perfeitamente nas ideias do mesmo. Frequentemente encontramos passagens que revelam esse casamento perfeito entre os dois personagens, como exemplar de *Ubirajara*:

> Jaguarê não vê o tímido campeiro, seus olhos buscam um inimigo capaz de resistir-lhe o braço robusto. O rugido do jaguar abala a floresta, mas o caçador também despreza o jaguar, que já cansou de vencer. Ele chama-se Jaguarê, o mais feroz jaguar da floresta; os outros fogem espavoridos quando de longe o pressentem. Não é esse o inimigo que procura, porém outro mais terrível para vencê-lo em combate de morte e ganhar o nome de guerra. (ALENCAR, s.d, P. 3)

Percebe-se, que o autor expõe seu herói com riquezas de detalhes, tentando integrá-lo a natureza e ao mesmo tempo, demonstrando a força do guerreiro, exaltando o mesmo como o mais forte entre todos. O índio se apresenta nessa citação como a transposição do cavaleiro medieval, sendo exemplo de força e coragem, que são características predominantes no mesmo.

Da mesma forma que *Ubirajara*, a figura indígena também está presente em outros romances históricos de Alencar como em *O guarani* e *Iracema*, tendo em cada uma dessas obras caracteres particulares. Em *O guarani*, que foi o primeiro da série de romances publicados, o herói está explícito em Peri, um fiel amigo da família de Dom Antônio de Mariz, considerado como homem branco na narrativa, que ali se estabelece com sua família e alguns servos da sua confiança.

Peri é um índio que salva a filha de D. Antônio, o qual se torna grato a ele e o convida a permanecer próximo a sua família. O mesmo acaba nutrindo uma paixão

quase inacessível por Ceci, à filha de D. Antônio. Peri a trata como uma deusa, divinizando-a, por esse amor ele se torna capaz de ações inimagináveis para defendê-la, fazendo todas as vontades dela, mostrando-se apto a dar a própria vida para salvá-la. Em Peri, encontramos todas as qualidades inerentes ao guerreiro medieval: fidelidade, bravura e justiça. Nele o autor retratou com clareza, traços da sua moral, cultura e crenças.

Em *Iracema,* temos um contraste quanto aos outros romances, que são protagonizados por homens. Ela constitui a heroína da trama. O romance traz a influência do branco na cultura indígena, na qual a mulher (Iracema) se apaixona por um Português (Martim). A mesma acaba traindo sua nação ao se entregar ao amor do estrangeiro. Dessa união é gerado um filho, o qual fica conhecido como Moacir, o filho da dor, simbolizando a união entre o português e o brasileiro.

Dentre os três romances de Alencar, fica evidenciado alguns marcos importantes, pois em *O Guarani e Iracema*, há a influência do homem branco nas culturas dos povos indígenas, ou seja, a partir disso, o nativo foi de alguma forma sendo corrompido em seus costumes, por causa da intervenção portuguesa. Tanto em *O Guarani*, quanto em *Iracema* existe a presença de um fim melancólico para os heróis.

Em *Ubirajara*, o autor retrata o índio em seu estado natural, que ainda não sofreu nenhum tipo de interferência de outros povos alheios a sua cultura. O herói *Ubirajara* tem um fim diferente dos outros romances da série. Neste, ele termina se consolidando como guerreiro mais forte entre todos os povos indígenas, obtendo a liderança de duas nações, a dos “Araguaias e dos Tocantins”.

Enfim, percebe-se que há nas obras de José de Alencar uma variedade de estilos, que as deixam mais enriquecedoras, promovendo aos leitores uma leitura que desperta a curiosidade, capaz de mantê-los atentos ao proceder dos protagonistas da trama. Os fatos são narrados com tanta intensidade, que parece nos colocar dentro do contexto, onde ocorre a ação. Por todo brilho que Alencar explicita em suas publicações, faz o mesmo ser o artista mais lembrado no Romantismo brasileiro.

Do lado europeu, mais especificamente em terras portuguesas, Alexandre Herculano por meio do conhecimento adquirido sobre a Idade Média, teve a

oportunidade de escrever suas obras de cunho histórico, como por exemplo: *O Bobo, Monasticon, O Monge de Cister* e *Eurico, O Presbítero*, sendo que a última citada aqui foi o escrito que mais se destacou na vida do escritor português, onde a mesma relata a invasão dos árabes a Portugal.

Diante da importância do autor para a estética romântica em Portugal, vale ressaltar que *A Harpa do Crente* refletia a influência do romantismo religioso e antirrevolucionário. Assim, Herculano expõe em forma de verso, temas de estilo impessoal, filosófico e teológico. No entanto, o exílio fez com que ele mudasse, surgindo novos temas de caráter pessoal, inspirando-se nas tristezas do desterro, das calamidades que aconteciam nas guerras, regresso do emigrado, a paz dos mortos no campo da batalha, entre outros assuntos que fazia com que Herculano erguesse sua força, que era da sua personalidade.

É perceptível que o escritor português abordou sobre os períodos que fizeram história na Península Ibérica, podemos exemplificar com a publicação de *Eurico, O Presbítero,* a obra relata o fim do reino dos visigodos. O campo de batalha onde tudo aconteceu atualmente é a Espanha e Portugal.

O herói nacional era representado pelos cavaleiros medievais, que eram guerreiros, com exemplos de coragem e de justiça. No que tange o romance histórico *Eurico, O Presbítero*, o Eurico um dos personagens principais transformouse no cavaleiro Negro, sendo forte, aguerrido, com espírito de bravura, tudo isso para ajudar os visigodos a enfrentarem a batalha contra os invasores árabes.

O cavaleiro medieval é entendido como uma figura histórica, que fez parte da era medieval, da qual não vivenciou a cultura brasileira. Por meio desse ícone, muitos autores da literatura nacional e europeia fizeram suas manifestações no ramo artístico, voltando ao passado histórico e recriando fatos, dando ao mesmo um tom ficcional, aliado a acontecimentos reais.

Durante a idade média, período que ocorreu dos séculos V ao XV, foi constante a presença dos guerreiros. Eles pertenciam às classes sociais nobres da sociedade. Tinham como ofício, defender as posses dos senhores feudais, que eram os detentores da riqueza, por possuírem grandes extensões de terras.

Nessa época, para ser um cavaleiro era necessário que o postulante ao encargo, tivesse algum bem, pois o mesmo precisava adquirir armas para fazer o treinamento. Portanto, as pessoas mais pobres não poderiam chegar a esse cargo, por faltar a estes, o dinheiro necessário para a compra do material de trabalho.

Os guerreiros medievais tinham como principais características a bravura, lealdade e fidelidade. Eles eram fiéis aos seus senhores, pois davam tudo de si para defender o patrimônio dos mesmos. A honestidade os engrandecia ainda mais, porque faziam juramentos e se mantinham firmes. Por fim, a bravura, pois esta era uma das mais presentes nos mesmos. Os cavaleiros eram homens destemidos, capazes de atos inimagináveis, fantásticos.

Enfim, com todos esses elementos de grandeza, fez com que artistas da Estética Romântica, especialmente do primeiro período, fizessem um retorno ao passado, para recriarem fatos, dando destaque aos heróis da idade média em suas obras.

No Brasil, esse herói foi representado pelo índio. Muitos autores utilizaram largamente esse tema por meio da figura aborígene. Isso se deu pelo fato do país não ter vivenciado o período medieval e não ter como valor expressivo os mitos medievais.

Foram os indígenas nossos principais representantes na busca por autonomia e independência cultural. Aliada a isso, tivemos os elementos naturais da flora e fauna, que foram partes predominantes no processo de afirmação literária. A aproximação feita entre os índios e os heróis da idade média, foi uma forma fantástica de criação, pois acarretou a literatura brasileira grandes avanços, equiparando as produções europeias.

CAPÍTULO II

2. Uma leitura de UBIRAJARA

O romance intitulado *Ubirajara*, de José de Alencar é narrado em terceira pessoa, sendo que em quase todo desenrolar da história, o narrador é observador, mas há

muitos momentos em que o mesmo torna-se onisciente, que sabe e vê tudo que se passa na narrativa.

Nota-se, que há dois tipos de narradores, um é contemplativo e o outro histórico. O primeiro contempla as coisas e tem a função de relatar os fatos que acontecem no enredo. Por outro lado, o segundo narrador busca reforçar as palavras ditas pelo narrador contemplativo, porém, eles trabalham em conjunto, no entanto, vale ressaltar que as visões de ambos são distintas. Abreu afirma que:

> [...] Com isso, o narrador de Alencar enuncia em seus textos uma pretensão de verdade devidamente comprovada por autoridades que parecem inquestionáveis. A estratégia é monopolizar a atenção do leitor para a narrativa, mas orientando, dirigindo os olhares, os sabores e, sobretudo, as ideias dos futuros leitores. Por isso, as notas, os prefácios, a introdução, as cartas, as dedicatórias são tipos de textos que se encontram fora do corpo mesmo do enredo, mas compõe, configurando, como se queira a época do autor, o engrandecimento da pátria brasileira. (ABREU, 2000, p. 128)

Para Abreu, os narradores contemplativo e histórico narraram com sentimento de nacionalidade, e isso só foi possível porque Alencar carregava dentro de si essa sensação de veracidade, e engrandecimento do patriotismo e ao mesmo tempo, mostrava o quanto à literatura do Brasil era rica.

O tempo presente na narrativa é cronológico, retratando os momentos e as ações que houve na região do Tocantins no século XV. Podemos perceber no trecho descrito por Alencar: “Mas o sol três vezes guiou o passo rápido do caçador através das campinas, e três vezes como agora se deitou além nas montanhas da Aratuba, sem mostrar-lhe um inimigo digno de valor”. Foi nas terras tocantinenses o espaço escolhido para o desenrolar da trama, e o escritor buscou descrever os elementos que fizessem com que enriquecesse ainda mais o cenário, destacando as belezas naturais, como as plantas, rios e os animais que habitavam aquele território.

No romance *Ubirajara* Alencar compõe o índio como o herói romântico, que vive em uma terra ainda não conquistada pelos europeus, na qual ficou marcado entre todas as suas produções épicas como, lenda tupi. O protagonista dessa narrativa possui características que são análogas aos guerreiros medievais, rebuscados no passado histórico da literatura europeia.

Nessa epopeia podemos perceber que, além da exposição do mito nacional, temos o cenário, onde se passa os acontecimentos que possui papel de grande destaque na trama. Foi por meio dessa união entre o ambiente e o nativo, que nasceu o símbolo nacional romântico, tão valorizado nos romances alencarianos.

Ubirajara foi o último romance da série intitulada como indianista. Nele, o autor procurou dar um novo tom, compondo o mesmo de maneira mais abrasileirada, sem deixar de lado os traços que são característicos das narrativas heroicas. Os acontecimentos que sucedem na história são totalmente particularizados, pois não há a presença de influências exterior ao mundo dos indígenas.

Nota-se, que há algumas diferenças na composição dessa narrativa, em relação às outras que possuem a mesma temática. Em *Ubirajara*, todos os acontecimentos ocorrem em terras nacionais e somente com o povo nativo, contrário aos outros, como: *O guarani e Iracema*, onde existe a presença do português, que se insere no ambiente, modificando a vida e os costumes dos aborígenes.

Em *Ubirajara*, logo no primeiro capítulo, notamos a presença de um herói que aparenta estar descontente com a sua situação. Isso o move a ir atrás de mudança na sua posição junto aos membros de sua aldeia. Essa transformação ocorre por meio da luta, na qual se evidencia Jaguarê, que é um jovem guerreiro da nação Araguaia.

Jaguarê desponta como um mancebo que está buscando afirmação e reconhecimento, então, ele parte a procura de um confronto, que possa dar-lhe o título que tanto almeja, para se transformar no maior entre todos os combatentes da sua nação. Entretanto, enquanto ele anda pela mata, depara-se com a gentil caçadora (Araci), que pertence à nação dos Tocantins. A mesma perseguia uma corça selvagem, que Jaguarê pensava ser um oponente que tivesse vindo ao seu chamado, mas ao ver a moça, a alegria dele apaga-se.

No primeiro instante, Jaguarê quis prendê-la, para atrair um guerreiro capaz de enfrenta-lo, mas Araci o desafiou a pegá-la na corrida, contudo ele acabou reconhecendo que não conseguiria vencê-la, pois ela era muito ágil. Jaguarê ficou encantado com a moça que acabara de conhecer, surgindo a partir daquele instante uma forte atração entre ambos.

Araci se identificou como, “estrela do dia” e filha de Itaquê, na qual era disputada por uma centena de guerreiros, convidando Jaguarê para disputar o amor dela, com os outros cativos de sua beleza. No entanto, o mesmo recusou o convite, relatando que não estava ali em busca de um amor, pois na sua aldeia, Jandira o aguardava para ser sua esposa. O que realmente procurava era um combate para obter um nome de guerra, como o mais forte entre os guerreiros.

Araci foi embora, mas não tardou, apareceu o rival que Jaguarê tanto esperava. Era Pojucã,´ “o matador de gente”, grande chefe da nação Tocantins. O mesmo aceitou o desafio proposto por Jaguarê em travar um combate leal entre ambos, da qual sairia o grande vencedor e senhor do vencido. Os dois travaram uma grande luta, até que Jaguarê conseguiu surpreender seu adversário, utilizando a lança de duas pontas, fabricada por ele mesmo.

Após o grande feito, Jaguarê retornou a taba dos Araguaias e com ele levou o vencido da batalha, para que pudesse apresentar a todos a grandeza de sua façanha. Durante a cerimônia festiva que ocorria em sua aldeia, ele fazia questão de demonstrar as qualidades de seu adversário, exaltando sua força e bravura. Com isso, ele aumentava ainda mais o valor de suas ações na luta pelo nome de guerreiro.

Depois de ser coroado como Ubirajara, senhor da lança, o jovem, agora chefe dos araguaias, tinha como direito o poder de escolher a moça mais bonita e formosa de sua aldeia, para servir-lhe como esposa, que o acompanharia para sempre e lhe daria os filhos mais lindos e fortes para prosseguir sua fama de guerreiro, assim como ele fez ao nome do seu pai, o grande Camacã, que já era ancião e não tinha mais a robustez de um jovem.

Jandira aguardava ansiosa pelo seu amado, agora aclamado chefe, porém o coração do guerreiro já havia sido flechado por Araci, a estrela do dia, que pertencia à outra taba. Ao saber que Ubirajara não mais a desejava como noiva, ela ficou muito entristecida.

> Chefe dos araguaias Ubirajara, não desprezes Jandira que outrora escolhestes para tua noiva. Se então ela era formosa a teus olhos, mais formosa se fará para merecer teu amor. Tu gostavas de seus cabelos negros que arrastam no chão; ela o entrançará com as plumas vermelhas do guará para que te pareçam mais

> bonitos. Seus olhos negros que te falava, ela os cercará de uma lista amarela como os olhos da jaçamã. Sua boca, que ainda não provaste Jandira a encherá de amor para que bebas nela o contentamento. (ALENCAR, s.d,p. 24)

Contudo, a infelicidade de Jandira só aumentou, depois que Ubirajara a escolheu para ser a esposa do túmulo do seu rival Pojucã. Entretanto, ela não aceitou a imposição do grande chefe e resolveu fugir, mesmo sabendo que estava sujeita a morte, pois sua atitude não seria aceita pela nação, mas para Jandira “a morte seria menos cruel do que o abandono” (ALENCAR, sd, p.30).

Depois de ter anunciado aos anciões a decisão de entregar a moça mais formosa da aldeia para servir de esposa ao cativo e de todos concordarem com a mesma, Ubirajara partiu para outros campos, deixando claro que se houvesse anúncio de guerra, era só avisá-lo que logo estaria de volta.

O destino de Ubirajara era a nação Tocantins, ele estava indo em busca da jovem que conquistou seu coração. Chegando a taba destes, o mesmo foi recebido como hóspede e tratado com todas as honrarias, a qual deve receber de acordo com os costumes. Na cabana de Itaquê o visitante escolheu um novo nome, o qual devia ser chamado, pois “a lei da hospitalidade não consentia que se perguntasse o nome ao estrangeiro que chegava, nem que se indagasse de sua nação” (ALENCAR, s.d, p. 38).

Dessa forma, o nome escolhido por Ubirajara foi Jurandir, o qual seria chamado a partir daquele instante na nação que o acolheu com alegria. Após a festa da hospitalidade, o hóspede pediu para falar ao chefe dos Tocantins revelando o porquê de sua vinda à aldeia, que o hospedou:

> Grande chefe dos Tocantins, Jurandir não veio a tua cabana para receber a hospitalidade, veio para servir ao pai de Araci, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permite que ele a mereça por sua constância no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força do seu braço.
>
> (ALENCAR, s.d, p. 47)

Assim, Jurandir passou a ser mais um dos servos do amor de Araci, fazendo tudo para agradar o pai dela e disputando com os outros guerreiros na constância e bravura no ato da caça e pesca para satisfazer o desejo do chefe. Contudo, Jandira o seguiu até a taba, na qual habitava a dona do amor de Ubirajara e tentou atacá-la, mas foi impedida por ele, que prendeu a mesma e a entregou a Araci para que fosse sua serva.

Por fim, chega o dia da disputa final. Com isso, todos os guerreiros cativos do amor de Araci começaram uma competição, que coroaria o vencedor como o possuidor do amor da mesma. Jurandir se destacou em todas as provas e acabou por conquistar o título ao qual almejava, mas antes que ele rompesse a liga da virgindade, foi chamado para esclarecer quem ele realmente era e a que nação pertencia, Itaquê falou:

> Quando o estrangeiro chegou à cabana de Itaquê, ninguém lhe perguntou quem era e donde vinha. O hóspede é senhor. Mas agora o estrangeiro saiu vencedor do combate do casamento e conquistou uma esposa na taba dos Tocantins. É preciso que ele se faça conhecer porque a filha de Itaquê, o pai da nação dos Tocantins, jamais entrará como esposa na taba, onde habite quem tenha ofendido a um só de seus guerreiros. (LENCAR, s.d,p. 70)

Depois de descobrir a verdadeira identidade de Ubirajara, Itaquê o mandou embora de sua taba. Mesmo sabendo que o mesmo mantinha o seu filho cativo à espera do sacrifício, ele não desrespeitou a lei da hospitalidade, deixando-o partir sem sofrer nenhum tipo de vingança.

Ubirajara foi embora, mas deixou na taba dos Tocantins seu desafio de guerra, pois o mesmo voltaria com seus guerreiros para lutar e resgatar sua esposa. Ao chegar à margem do grande rio com seus combatentes, Ubirajara encontrou Canicrã, chefe da nação Tapuia, que vinha em busca de vingança, pois Pojucã havia destruído a cabana do pajé de seu povo.

Houve uma conversação entre os chefes, para decidirem quem atacaria primeiro, pois cada um deles tinham motivos próprios. Para Ubirajara, o que mais importava era proteger a cabana da esposa, e quem ousasse penetrá-la seria morto por suas próprias mãos.

A batalha entre os tapuias e o Tocantins iniciou-se, enquanto tudo ocorria, Ubirajara ficava observando a luta entre os dois grandes chefes, Canicrã e Itaquê, desejando ser ele o vencedor daqueles dois fortes guerreiros. No entanto, Itaquê venceu a batalha, mas ficou ferido gravemente por uma flecha disparada pelo filho do seu oponente, a qual o deixou cego, impossibilitando-o de continuar a frente da sua nação como líder.

Dessa forma, era preciso encontrar entre os guerreiros da nação Tocantins um nome capaz de assumir o lugar de chefe e empunhar o arco, que era passado de

geração por geração, contudo, não havia ninguém com qualidades inerentes para ocupar essa missão. Por não haver guerreiro habilitado de empunhar o arco de Itaquê entre os Tocantins, ele elegeu Ubirajara para esse feito.

> O arco de Itaquê é como o gavião que perdeu as asas e não pode mais levar a morte ao inimigo. As andorinhas zombam de suas garras, empunha o arco de Itaquê chefe dos araguaias, e tu conquistarás por teu heroísmo uma esposa e uma nação. A esposa fará mãe de cem guerreiros como Itaquê, e a nação, conservarás a glória que ela conquistou, quando o filho de Javarí a conduziu a guerra. Tupã dará a teu braço esta força para que o sangue de Itaquê brote mais vigoroso e os netos de Tocantins dominem as florestas. (ALENCAR, s.d, p. 93)

Ubirajara aceitou o pedido do velho Itaquê e brandiu a flecha Tocantins nos ares, depois pegou o arco da sua nação e atirou-a na mesma direção. As duas flechas se entrelaçaram no ar, selando a amizade entre os Tocantins e os araguaias, explicita na seguinte passagem:

> Este é o emblema da união. Ubirajara fará a nação Tocantim tão poderosa como a nação Araguaia. Ambas serão irmãs na glória e formarão uma só, que há de ser a grande nação de Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas. (ALENCAR, s.d, p. 94)

Portanto, Ubirajara terminou o romance como o chefe dos chefes e senhor das duas nações, o qual elege duas esposas, Jandira como esposa do chefe Araguaia e Araci, a esposa do chefe tocantim. O seu primeiro grande feito como líder foi, expulsar os tapuias que haviam retornado as terras da nação tocantim, liderados por Agnimá, querendo vingar a morte de Canicrã. Após ser derrotado por Ubirajara, senhor da lança, os outros saíram espavoridos, depois de verem tamanha força.

A natureza foi palco dos momentos de grande tensão, onde houve as lutas entre os índios, mas aquele espaço acolheu os personagens, mesmo que fosse um ambiente selvagem abrigava seus habitantes. Nela, os aborígenes sentiam-se em conforto, tanto que naquele lugar, eles construíam suas ocas, moradia de cada tribo ou aldeia, local onde seus costumes e crenças eram repassados de geração em geração.

É perceptível que no meio das matas, os índios viviam em contato com as coisas nativas, sem contaminação e nenhum tipo de contato com os europeus. Eram hospitaleiros, vivendo em total harmonia com o meio ambiente, tendo liberdade de expressão, cultura, etc.

Alencar descreve as belezas, enaltecendo as espécies de animais e plantas que existiam nas terras brasileiras, reforçando a familiaridade dos índios com aquele espaço de grande hospitalidade. Por outro lado, José de Alencar atribuía características aos indígenas, assimilando com os seres que existiam na natureza, podemos perceber na seguinte passagem:

> Seu braço é como o corisco do céu; E a sua força como a tempestade que desce das nuvens.
> O moço é o tapir que rompe a mata, e voa como a seta. O velho é o Jabuti prudente que não se apressa. (ALENCAR, 1984, p. 31 e 53)

É de grande notoriedade, que nesse processo de nobreza do aborígene, além de mostrar a exuberância e de caracterizar o espaço em que aconteceram os momentos de luta entre as tribos Araguaia X Tocantins, o autor via o índio como guerreiro, sendo capaz de superar as dificuldades e unir as duas nações que até então viviam em conflitos, e por meio da bravura, lealdade do líder a paz reinou entre todos.

A margem do rio Araguaia e do rio Tocantins foi o lugar que teve um importantíssimo significado na busca pelo poder do chefe indígena, a paisagem, pureza e a hidrografia foram os destaques do lugar, pois remete um componente natural que engrandecia o índio, para que o mesmo buscasse inspiração na água, que proporcionava fortaleza nos momentos de combate: “Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, jovem caçador.” (ALENCAR, s.d, p. 13).

A água simbolizava um recinto cheio de alegrias, vida e beleza. No que se refere aos personagens de Ubirajara, Araci a moça virgem, pôde viver momentos inesquecíveis ao lado do protagonista da historia, mesmo que ela não pudesse manifestar o desejo de poder escolher o pretendente, na qual queria passar a noite de núpcias.

> Então desciam ao rio. Era a hora do banho. Araci cortava as ondas mais lindas que a garça cor-de-rosa; e os guerreiros a seguiam de perto, como um bando de gaviões. [...]
> Desde então, era no banho que Araci recebia o abraço de Jurandir, sem que os outros guerreiros suspeitassem da preferência dada ao estrangeiro.
> [...]
> Encontravam-se no fundo do rio, enquanto durava a respiração. Depois desprendiam-se do braço e surgiram longe um do outro.
>
> (ALENCAR, 1984, P. 62)

Percebe-se, que Alencar retrata nesse trecho a importância do rio na sua narrativa, enfatizando as sensações de prazer que Araci vivia naquele local, vendo como um espaço em que podia proporcionar a purificação para ela. Ubirajara, personagem protagonista do romance histórico alencariano, é o herói da história, no início recebeu o nome de Jaguarê e era líder guerreiro dos araguaias. Depois passa a ser chamado Ubirajara “O senhor da lança” e ao vencer pojucâ, torna-se chefe da sua tribo, ficando no posto de seu pai.

Todos os personagens presentes na narrativa interagem diretamente ou indiretamente umas com as outras, e elas são imprescindíveis no processo de formação e narração da história, bem como as condições do espaço/ambiente e o enredo, onde ambos são peças chaves para o autor. Nesse sentido Antônio Cândido afirma que:

> Quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu destino, traçada conforme uma certa direção temporal, referida a determinadas condições do ambiente. (CÂNDIDO, Antônio, 1996, p. 53).

No que tange a importância do papel desenvolvido por cada figura que fizeram parte da narrativa em Ubirajara, os personagens representaram os índios, que por sua vez foram os primeiros povos que habitaram as terras brasileiras, dando identidade à cultura do Brasil.

2.1. Características do herói no romance Ubirajara

O herói no romance *Ubirajara* caracteriza-se como um ser insatisfeito e ansioso, com desejo de alçar voos maiores. Esse sentimento o faz sair do lugar onde habita e ir à procura de um inimigo a sua altura, para sagrar-se como o guerreiro mais forte entre todos. Assim, inicia sua trajetória na trama, que ao longo da mesma, passa por grandes desafios para firmar-se como herói e consequentemente, obter o respeito dos outros guerreiros de sua tribo, como na passagem seguinte:

> Jaguarê chegou à idade em que o mancebo troca a fama do caçador pela glória do guerreiro. Para ser aclamado guerreiro por sua nação é preciso que o jovem caçador conquiste esse título por uma grande façanha. (ALENCAR, s.d, p. 1)

Nota-se nessa passagem, um herói que está em busca de afirmação, que se encontra entediado pela falta de um combatente do seu nível. A partir desse princípio, a trama vai se desenrolando. Tendo Jaguarê atingido certa idade, sai em caça de um confronto que possa dar-lhe o título de maior guerreiro da nação em que vive. Quando o mesmo deixa sua aldeia para ganhar mata adentro, ele sabe que nem o animal (jaguar) mais feroz da floresta pode derrotá-lo, todos os outros se assustam com medo do seu grito. Isso caracteriza um ato fantástico desse mito.

A força tão grandiosa atribuída ao indígena é intencionalmente usada pelo autor, para dar mais intensidade quanto ao seu poder perante os demais. Assim, o tom que é empregado na composição do mito selvagem, representado por Ubirajara, é análogo ao cavaleiro medieval, pois, nele é exaltada a força e a bravura do protagonista, para expressar o quão potente ele aparece no romance. Vale ressaltar que, o índio nesse enredo é descrito em seu estado natural, que ainda não sofreu influência externa a sua cultura.

Todos os acontecimentos narrados ocorrem em um ambiente natural, fidelizando as pretensões do artista em retratar as belezas que eram peculiares ao contexto histórico. As armas utilizadas pelo herói eram fabricadas artesanalmente pelos próprios indígenas, dando legitimidade aos recursos bem particular desses povos.

Há a presença de um herói que exalta sua força, a qual se sobrepõe ao inimigo. Dessa forma, ao sair em busca de afirmação como o mais robusto dos guerreiros, Jaguarê encontra Araci, na qual pertence à nação dos Tocantins. A mesma no decorrer da história ganha contornos importantes, por influenciar de modo extremamente relevante o destino do personagem.

No primeiro encontro entre Araci e Jaguarê, que ocorre de maneira inesperada, ela o convida para disputar seu amor com outros guerreiros de sua tribo, porém, ele recusa o mesmo, afirmando que: “vem combater e ganhar um nome de guerra que possa encher sua nação de orgulho” (ALENCAR, s.d, p. 4). Ele pede para que ela possa chamar os guerreiros mais fortes de sua nação, para disputar com ele um combate, o qual tanto esperava.

Sendo assim, a moça seguiu seu caminho ao passo ligeiro, enquanto isso Jaguarê a observava, ficando a espera do seu oponente, que fosse tão audaz quanto ele. A partir de então, dá-se o encontro entre Jaguarê e Pojucâ, um membro dos Tocantins. O mesmo aceita o desafio de luta proclamado pelo seu adversário, dando início a batalha. Ostentação do herói:

> Eu sou Jaguarê, filho de Camacã, chefe da valente nação dos araguaias, que vem de longe em busca da terra de seus pais. Minha fama corre as tabas e tu já deves conhecer o maior caçador das florestas. Mas Jaguarê despreza a fama de caçador; ele quer um nome de guerra, que diga as nações a força de seu braço e faça tremer aos mais bravos. Se tua nação te aclamou forte entre os fortes, prepara-te para morrer; se não, passa teu caminho, guerreiro vil, para que o sangue do fraco não manche o tacape virgem de Jaguarê. (ALENCAR, s.d, p. 5)

Percebe-se nessa passagem, uma preocupação constante do autor em enaltecer o protagonista, na qual se evidencia pelo uso de expressões como: “maior caçador das florestas; a força de seu braço e forte entre os fortes”. A partir disso pode-se inferir que, é um fato explícito de transpor no índio uma das características marcantes do herói medieval europeu, a bravura.

Nota-se, que apesar do protagonista da ação se impor ao seu oponente, há um grande respeito pelo mesmo, em sinal de reconhecimento de sua força. Ele para e contempla sem medo, pois o verdadeiro guerreiro não desiste um só momento do seu objetivo, mesmo que para isso tenha que entregar sua própria vida. “Por fim afrouxam os braços e cada lutador recuou para contemplar seu adversário. Nenhum mostrava no rosto sombra de fadiga” (ALENCAR, s.d, p. 8).

O sinal de respeito continuou, mesmo após ter saído vitorioso na batalha. O vencedor fez questão de enaltecer o vencido, para elevar ainda mais seu feito perante os jovens guerreiros, que almejavam o mesmo sucesso, e dos anciões, que eram os mais velhos e sábios de sua taba. Contudo, o guerreiro derrotado não se entregou em nenhum momento a piedade do seu detentor, ele não aceita a desonra de seu povo, preferindo ser morto a permanecer como escravo em uma nação desconhecida.

Respeito aos costumes, era também característico do herói, no qual vivenciava com fervor cada ato que se desenvolvia no recinto em que habitava. Levar o vencido para sua aldeia e apresentá-lo aos seus, comemorando com sua gente na festa do triunfo, ao qual o coroava como o grande chefe dos Araguaias, era um rito entre os

aborígenes. Tal qual, a escolha de uma esposa, que era um direito do herói conquistador da façanha.

Ubirajara se caracteriza como homem justo, sendo o mesmo incapaz de descumprir alguns princípios durante o combate entre guerreiros de nações distintas. A justiça é respeitada, como forma de preservar o caráter moral do personagem, retratado na passagem seguinte: “A águia não persegue a andorinha. Era indigno de um guerreiro, quanto mais de um chefe, empregar seu valor contra um menino” (ALENCAR, s.d, p. 84).

Portanto, para os costumes do indígena, não seria aceitável empregar uma luta ou perseguição a outro indivíduo que não oferecesse a mesma força. Essa prática não seria digna de um chefe, que tinha em seu poder o comando de uma aldeia. Para esse embate, era designado alguém de mesmo porte e idade.

Enfim, as características expostas no herói em *Ubirajara* se configuram de forma marcante, por apresentar o mesmo, com traços que exaltam suas qualidades. Esse mito pintado por Alencar foi uma forma de evidenciar a cultura nacional em um momento de consolidação e afirmação. O herói nessa narrativa é idealizado, pois é o resultado da imaginação do autor, que o integra ao ambiente da pátria, tendo como principal objetivo, demonstrar uma literatura própria, tornando-se independente de modelos europeizados.

O romance se intitula *Ubirajara*, ou seja, é o mesmo que se classifica como herói na obra. Percebe-se, que ao iniciar a narrativa, este é conhecido como Jaguarê, entretanto, durante sua trajetória e seus avanços na luta contra os demais, o mesmo conquista o nome de guerra, dado pelos chefes de sua nação Araguaia.

Em *Ubirajara,* José de Alencar expõe de forma clara a criação do herói nacional, que se estabelece como meio mais eficaz de autenticação da literatura brasileira. O mito representado no romance foi encontrado por meio do retorno ao passado do período pré-cabralino, onde se vivenciou o primitivismo da história nacional.

Pela exploração de um símbolo ainda intocado, pôde-se elaborar uma literatura nova, com concepções e modelos diferenciados, dos anteriormente apreciados. Constituiu-se então, o seguimento de novos rumos e a respiração de novos ares

particularmente conhecidos, dentro de um contexto nacionalizado. Foi por meio desse retorno, que fez brotar no autor de *Ubirajara* a idealização do herói no romance.

A caracterização do mito na trama histórica representa um ideal do instituto da nacionalidade, em defesa de uma literatura autêntica, com inspirações rebuscadas a partir do seu próprio meio. Afrânio Coutinho salienta que:

> O processo de nacionalização brasileira consistiu antes em um movimento de afirmação nacional, de busca da própria identidade de conquista de um caráter nacional, de afirmação de qualidades peculiares. E, diga-se de passagem, nem sempre se realizou contra outros povos. Pode-se mesmo afirmar que, o nacionalismo brasileiro não é nacionalismo contra, porém um nacionalismo a favor. Um nacionalismo a favor das nossas peculiaridades nacionais de povo, de nação, de civilização mestiça. (COUTINHO, Afrânio, 2008, p. 67)

De acordo com o autor, utilizar do próprio contexto para a produção literária, foi uma forma de auto identificar e promover a criação artística da nação. Nesse sentido, inferimos que a inserção do mito selvagem na elaboração dessa arte, ajudou a sustentar o objetivo do escritor em dar solidez a sua distinção cultural em relação ao mundo.

Dessa forma, entendemos que o herói épico empregado em *Ubirajara*, nos remete a literatura europeia, por seu aspecto de força e bravura. São as façanhas realizadas por ele na obra, que nos envia ao símbolo dos europeus. Através da ênfase dada ao ser medieval representado na figura indianista, foi possível fazer uma viagem à realidade, própria do homem primitivo brasileiro.

No papel de romancista, Alencar se dedicou a delegar ao índio o título de verdadeiro ícone de expressão da nacionalidade, reforçado por Afrânio Coutinho salientando que:

> Era o que convinha a Alencar, que tendo estudado os velhos cronistas e a vida dos nossos selvagens, só iria aproveitar o que fosse favorável ao índio ou conviesse aos seus propósitos. Propósitos de romancista, e não de historiador, e de romancista romântico, que elevou o indianismo a uma posição consequente e significativa, anteriormente ainda não alcançada. Se o índio já servia de tema a poesia e mesmo ao romance, jamais fora, como em Alencar, alçado a categoria de valorizador da nacionalidade. (COUTINHO, Afrânio, 2002, p. 259)

Nota-se, que era pretensão de Alencar utilizar em suas produções românticas no que se refere ao indígena, apenas os fatos favoráveis ao seu herói e que tivesse em concordância aos seus objetivos, de elevar as criações artísticas por meio desse

símbolo. Por último, o autor reforça que, ninguém deu tanto realce ao índio e obteve mais destaque nesse cenário, do que Alencar, considerado grande valorizador do nacional.

Enfatizando ainda mais o culto ao natural, temos como um dos pontos chaves da questão, o espaço dos acontecimentos. Este se torna um dos principais fatores de expressividade das epopeias românticas. A mesma funciona como aliada no processo ficcional das narrativas, sendo o lugar perfeitamente adequado para a concretização dos fatos.

Em *Ubirajara* o leitor pode perceber o ambiente descrito pelo autor, com muita intensidade, pois o lugar onde ocorre a história é explicitado com clareza, sendo o mesmo, recinto onde vivia a nação aborígene antes da chegada dos colonizadores. “Jaguarê arremessou a lança, que vibrou nos ares e foi cravar-se além no grosso tronco da emburana. A copa frondosa ramalhou, como as palmas do coqueiro ao sopro do vento, e o tronco gemeu até a raiz. O caçador repousa à sombra de sua lança” (Alencar, s.d, pag. 2).

A valorização do primitivismo no romance foi uma maneira de expressar o sentimento de pureza do herói, no qual se evidencia em *Ubirajara*, por ser descrito em seu estado natural, sendo aproximado do mito do bom selvagem de *Russeau.* Os traços que fizeram do indígena nosso verdadeiro símbolo de independência cultural, foi por ele ser genuinamente nativo das terras brasileiras, que para Alencar, citado por Afrânio Coutinho: “o escritor verdadeiramente nacional acha na civilização de sua pátria, e na história já criada pelo povo, os elementos não só da ideia, como da linguagem que a deve exprimir” (ALENCAR apud COUTINHO, Afrânio, 2002, p.335).

Percebe-se, que a posição crítica do autor é de um homem consciente do seu papel, que reconhece sua pátria e seu povo, como fontes essenciais para praticar uma arte verdadeira e sólida. Por meio da própria situação de vida, da natureza e da história do seu país, é que o autor deve tirar suas inspirações. Isso nos mostra que, o herói romântico em *Ubirajara* se apresenta como a concretização desse meio histórico, vivido em solo nacional e amplamente empregado por alguns autores românticos, dando forma e um novo estilo em suas produções literárias.

2.2 O índio representante da nossa “época medieval”

O índio foi um representante de suma importância no romance histórico, o mesmo passou a ser considerado o ícone que enfatizava a valorização da liberdade e do nacionalismo, tendo sentimento de poder apreciar e de estar vivendo um novo momento na literatura, onde a nação brasileira não tinha vínculos e domínio da cultura colonial.

No entanto, para a afirmação da nacionalidade, o indianismo foi representante da nação, que até então estava firmando-se na cultura brasileira, símbolo de independência tanto de cunho social, política, espiritual e literária. Assim, houve a busca por elementos que inspirasse essa nova fase no romantismo do Brasil.

Nota-se, que nos romances históricos o índio teve um papel de importância fundamental para a criação literária. Sendo que, através da idealização da sua imagem, pôde se formar uma nova consciência intelectual, renovando os conceitos, que eram fielmente seguidos na época. O aborígene foi quem confirmou a identidade brasileira, isso porque suas características e costumes, já eram seguidos antes que os colonizadores tentassem mudar, querer que o mesmo desmistificasse, perdendo sua pureza. Surgiu então, o ídolo, simbolizando a originalidade literária.

Foi através do mito do bom selvagem que os escritores José de Alencar, Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, encontraram uma maneira de poder enriquecer e enaltecer a cultura do Brasil, enfatizando a bravura, a pureza de caráter independente, que honrava sua tribo e sua nação, defendendo seu território com toda força e determinação, um exemplo de herói, representando a nacionalidade de forma muito autêntica, alicerçando o espírito de brasilidade.

Alencar ao escrever seus romances históricos, na qual evidenciava o índio como um ícone guerreiro, descrevendo sobre os seus costumes, de como era caracterizada à vida dos indígenas e retratando as tradições seguidas pelas aldeias, desse modo, demonstrava que, os nativos faziam parte do povo que não tinha sido corrompido pelos portugueses.

Dessa forma podemos identificar que, em Ubirajara encontramos esses traços perfeitamente visualizados durante a narrativa, pois nessa produção, o autor expõe o nativo em um ambiente intocado pelo estrangeiro, fazendo com que seu romance ganhe contornos de originalidade e engrandecimento pátrio.

Em *Ubirajara*, de autoria de José de Alencar, o aborígene é tido como um líder que defende a cultura que está inserido, onde o mesmo se caracteriza como um ser leal, buscando sua afirmação como guerreiro mais forte entre todos. O autor evidenciou no romance, que o herói nacional trazia a aspiração da identidade e de valorização do que era genuinamente puro, que elevava a cultura brasileira, tendo como inspiração a natureza e o índio, o qual seria o representante nativo, diferente da criação europeia, emancipando a política e a literatura. Assim Ferdinand Denis 1978 afirma que:

> [...] O Brasil experimenta já a necessidade de ir beber inspirações poéticas a uma fonte que verdadeiramente lhe pertença, e na sua glória nascente, cedo nos dará as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo.
> [...] O Novo Mundo não poderá passar sem tradições respeitáveis, dentro de alguns séculos, a época presente na qual se fundou a sua independência, nele nobres e comovedoras evocações. A sua idade de fábulas misteriosas e poéticas serão os séculos em que viveram os povos que exterminamos e que nos surpreendem por sua coragem, e que retemperam talvez as nações saídas do Velho Mundo: a recordação de sua grandeza selvagem cumulará a alma de orgulho, suas crenças religiosas, animarão os desertos. Os cantos poéticos, conservados por algumas nações [aborígenes], encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos como na força incompreensível de uma natureza constantemente mutável em seus fenômenos [...]

Ferdinand reitera que, os poetas brasileiros foram peças chaves ao elevar as potencialidades que havia nas terras, proporcionando o conhecimento sobre o solo e os habitantes do território do Brasil, cenário este que estava seguindo um novo rumo no campo literário, buscando esquecer o passado, realçando a literatura própria.

Nesse sentido, Alencar contribuiu significativamente para essa nova fase na estética romântica, dando vida própria à alma nacional, expondo em seus romances históricos indianistas os costumes e crenças, enfim, a vida como ela era na comunidade indígena.

Em *Ubirajara,* o herói é caracterizado como um ser cheio de sabedoria, sendo um homem portador de segredos e muita força, onde o índio e a flora são símbolos que remetem a imagem de um país que conseguiu ter autonomia nacional e isso só foi

possível com a descoberta do ícone aborígene, de seus sentimentos que remetia a pureza e que não haviam sido atingidos pela civilização europeia.

Nas obras alencarianas, é possível notar que o índio simbolizava a conciliação entre a natureza e o homem, onde o primeiro era o local que se transformava no palco dos acontecimentos, e era por meio desse ambiente que o autor destacava a essência da riqueza da fauna e da floresta. No que tange ao indianismo, o indivíduo era o principal sujeito de todo esse fato histórico, considerado como herói nacional, pelos valores que carregavam consigo e com sua cultura.

Como o indígena é dotado de virtudes, força e coragem, essas qualidades foram destacadas com grande significado, sendo as mesmas comparadas a do mundo civilizado. Alencar caracterizou *Ubirajara* como o herói, integrando-o a natureza, o bom selvagem, que conhece seu território, como os rios, florestas e os animais, assim ele luta até o fim para proteger sua tribo e a terra em que habitava.

A fidelidade é um ponto que fez com que o aborígene honrasse sua tradição, valorizando a transparência do seu papel perante seu povo, estabelecendo respeito uns com os outros, onde o líder representava a todos que residiam naquele recinto, permitindo que a tradição permanecesse a mesma, sem romper qualquer laço de confiança entre os mesmos.

A cada elemento citado nos romances históricos, nota-se que os escritores utilizaram com a intenção de evidenciar a pureza e a riqueza dos componentes existentes na fauna e flora, assegurando que existiam raças genuínas que não havia sofrido nenhuma miscigenação ou alteração, era legítimo, puro. Nesse sentimento Ernesto Grassi cita que:

> Afirmo que há certa espécie de narrativas, consideradas sagradas, que estão incorporadas na ética e na organização social constituem a parte essencial das culturas primitivas. Essas narrativas não se impõem por intermédio de um interesse superficial ou exterior ou na qualidade de descrições fictícias ou por pertencerem representar a verdade, mas sim porque representam a afirmação de uma realidade original, mais importante e elevada, que determina a vida, o destino e a atividade da raça humana e porque o seu conhecimento, constitui o fundamento da ética e dos ritos. (pag. 73).

Ernesto Grassi ao referir-se aos autores que expuseram as características do aborígene brasileiro, teve grande êxito, onde eles puderam enriquecer a realidade vivida por cada habitante das matas do Brasil, sendo que por meio das descrições do índio, da cor local, cenário que fizeram parte das narrativas do período romântico, tendo como objetivo a afirmação de uma cultura.

Alencar, ao escrever romances históricos enfatizou sobre o valor de expressar a etnia em que representava independência cultural, social e política, sustentando a nacionalidade do Brasil, assim os indígenas foram os povos que contribuíram para a fundação da nação brasileira. Por meio da criação da história do passado e a realidade, a literatura teve formação com novos conhecimentos, sendo possível traçar uma nova identidade para a pátria.

CAPÍTULO III

3 Eurico, o presbítero e as características do herói medieval.

O herói medieval foi uma figura que teve características necessárias para poder representar determinada ação, assim ele era idealizado, sendo destemido, corajoso, forte e cheio de qualidades. O mesmo lutava com bravura para proteger sua nação e sua pátria, tendo como missão vencer as batalhas e servir como inspiração aos outros homens.

O cavaleiro medieval nos romances históricos de Alexandre Herculano foi imprescindível, isso porque o autor português viu em seus escritos uma possibilidade de revelar para a sociedade toda a verdade, que teve no âmbito da historicidade, proporcionando conhecimentos acerca dos fatos acontecidos na pátria portuguesa.

É notável que Herculano caracteriza Eurico, personagem do livro *Eurico o presbítero*, como figura heroica, um gênio, mesmo que fosse um sacerdote e sentisse uma paixão devoradora por Hermengarda, era considerado um líder aguerrido, com bravura para lutar e defender sua terra, tinha espírito de poder representar seu povo, sendo muito valorizado por ser um guerreiro destemido.

Eurico, o cavaleiro negro, era um guerreiro impiedoso, que lutou com muita força e resistência e quando se sentia fraco e deparava com os perigos, sua fúria era a força que necessitava para continuar lutando, desejando vencer para livrar sua amada das mãos dos infiéis.

Mediante os conflitos entre os árabes e os visigodos, Herculano transmite ao leitor que o cavaleiro negro travava a batalha para assegurar autonomia, tanto de cunho social, política e espiritual, na qual era representado pelos godos. É a liberdade do indivíduo de defender a sua civilização e seus pensamentos. Assim, Eurico é sinônimo de fidelidade e coragem, que procurou seguir a tradição e os preceitos, honrando sua função perante os colegas de combate, lutando por liberdade.

A natureza é uma aliada de alguns personagens, onde os mesmos compartilham seus sentimentos quando entra em contato com as matas, nela, Eurico se sente em um lugar privilegiado, livre para desabafar suas desilusões e sofrimentos. Assim os bosques, montanhas e rios inspirava o herói a escrever.

O misterioso cavaleiro negro aparece como um semideus, que possuía força sobre-humana. Era solitário e procurava fazer juízo se vingando dos traidores da pátria. Mesmo perante inúmeras dificuldades, o celibato se evidenciou como maneira de refúgio para Eurico, que utilizou dessa missão para permanecer como um líder misterioso durante as batalhas entre Cristãos X Muçulmanos.

> Mas Eurico era como um anjo tutelar dos amargurados. Nunca a sua mão benéfica deixou de estender-se para o lugar onde a aflição se assentava. Nunca os seus olhos recusaram lágrimas que se misturassem com lágrimas alheias desventuras. Servo ou homem livre liberto ou patrono, para eles todos eram filhos. Todas as condições se libelavam onde ele aparecia, porque, pai comum daqueles que a providencia lhe confiara, todos para ele eram irmãos. Sacerdote de Cristo, ensinado pelas largas horas da íntima agonia, esmagado o seu coração pela soberba dos homens, Eurico perceberá, enfim, claramente que o cristianismo se resume em uma palavra
> – fraternidade. (HERCULANO, Alexandre, 1982, P. 16)

Diante dessa argumentação, nota-se, que o personagem de Alexandre Herculano, nomeado como Eurico, nunca deixa de ajudar aqueles que estão sentindo-se desolados, sem consolos, sempre estendia sua mão em prol de amenizar os conflitos. Ele procurava não deixar com que as aflições e tristezas alheias não o desanimasse no percurso de sua missão. Sempre estava com espírito de fraternidade e bondade,

reconhecendo que era imprescindível para viver a vida como um servo de Deus, sempre obedecendo aos mandamentos da Igreja, cuja professava sua fé.

Todavia, é importante ressaltar que, o cavaleiro medieval mostrava ambivalência, lealdade e forças, características de um verdadeiro guerreiro, que lutava bravamente para defender suas ideologias cristãs, seu território, pátria e, além disso, sua raça.

Ubirajara se apresenta como o protagonista da história, sendo que o mesmo ocupa o papel de destaque nessa narrativa pré-cabralina, que o autor foi rebuscar no passado anterior a chegada do homem branco. Ele é descrito com todas as qualidades de um herói, na qual enfrentou todos os empecilhos do meio para se transformar no maior dos guerreiros.

O mito exposto nessa narração é uma analogia ao cavaleiro medieval europeu, que foi muito utilizado por artistas dessa fase literária. Entre esses citamos Alexandre Herculano e sua obra intitulada *Eurico, o Presbítero*, que pode se aproximar de *Ubirajara* em algumas características marcantes.

3.1. Eurico e Ubirajara, dois heróis medievais.

Apesar de terem temáticas diferentes, os dois exemplares foram produzidos sob a ótica do retorno ao passado histórico, revivendo e recriando fatos que fizeram parte da cultura e sociedade em um dado momento da literatura brasileira, bem como a literatura portuguesa, excepcionalmente no período do romantismo.

O herói medieval em *Ubirajara* possui características de um ser insatisfeito, que está procurando um desafio capaz de lhe render a condição de notoriedade entre os demais. Isso desencadeia na narrativa uma série de acontecimentos de ordem fantástica, pois o personagem aparenta sinais de tanta bravura que até mesmo os animais selvagens da floresta não são tão hábeis quanto ele.

Em *Eurico, o Presbítero*, o protagonista também demonstra insatisfação, porém, os motivos são diferentes. Esse descontentamento do personagem está relacionado à sociedade e os princípios morais da mesma, que se mostra de forma gananciosa,

desprezando os valores e objetivando a conquista do poder, mesmo que para esse fim tivesse que utilizar meios inescrupulosos.

Na questão amorosa, nota-se que em *Ubirajara,* Jandira aparece como sua prometida no início da história, mas o personagem estando à procura de afirmação encontra em seu caminho Araci, que conquista o coração do mesmo, trazendo sofrimento para a noiva deste. Para conseguir casar-se com a mulher escolhida, o protagonista teve que passar por diversas situações, como por exemplo, desafios de força e constância, para então só depois de tudo, sagrar-se como vencedor e merecedor do amor dela. Esse sentimento termina unindo duas nações indígenas.

Esse mesmo tema em *Eurico, o Presbítero* não é bem sucedido, ele traz sofrimento e desilusão, interferindo no destino dos personagens, que sofrem por estar tão perto e ao mesmo tempo distante um do outro. No romance, após uma luta bem sucedida no campo de batalha, Eurico pede a mão de Hermengarda em casamento para o pai dela, que é conhecido como o Duque de Fávila. Este rejeita o pedido porque Eurico era um gardingo e não tinha a mesma posição social a qual pertencia.

Depois da rejeição do pai de Hermengarda e da falta de ação dela para que ele mudasse de ideia, Eurico supôs que a mesma também o desprezava, em razão disso, ele resolveu refugiar-se no presbitério para esquecer esse amor. Os dois personagens só se reencontram no final da narrativa, momento em que ele a salva das mãos dos infiéis árabes e no clímax do romance, onde Hermengarda declara todo seu amor por ele e automaticamente, descobre que não podem viver essa paixão, pelo fato dele ser um padre. A partir disso, Eurico parte para a última batalha da vida dele e sua amada enlouquece. Após esses acontecimentos, chega o triste fim de um amor impossível de se concretizar.

Portanto, a questão amorosa nos dois romances se configura de maneiras diferenciadas. No primeiro, o amor é conquistado pela disputa de força entre os pretendentes; onde há a união dos amantes. No segundo, esse sentimento se transforma numa relação impossível, pois sofre interferências sociais e clericais. Há um desencontro entre o casal que se ver numa situação conflitante perante os costumes da sociedade, por isso, o final para os amantes é melancólico.

Em relação à luta, fica evidenciada em *Ubirajara*, que a mesma tem como finalidade a conquista do espaço dentro da tribo a qual pertence. Isso se deve ao fato de que o guerreiro fosse considerado chefe de uma nação, digno de receber o arco, que representava o maior símbolo entre a sociedade indígena, ele deveria passar por vários desafios antes de conseguir esse feito e receber um nome de guerra. Por isso, o protagonista dessa trama enfrentou muitas batalhas para se consolidar.

A luta de Eurico é oposta ao do já mencionado, pois o mesmo combate os traidores da sua pátria e os árabes, que invadem o território da Espanha, lugar onde se passa a ação. Eurico foi um grande defensor do seu país, o mesmo se transformou no enigmático cavaleiro negro, temido pelos opositores dos cavaleiros da cruz.

Um dos principais elementos de grandeza dos heróis nas narrativas é em relação à coragem de ambos, que apresentam circunstâncias fantásticas em algumas situações, como no momento em que Eurico conduz Hermengarda para o outro lado do rio, atravessando uma ponte estreita e logo abaixo de seus pés, um grande despenhadeiro de rochas, onde qualquer descuido selaria um triste fim para o casal.

> A contração de agonia que neste momento passou nas faces do cavaleiro negro, estendendo para os céus os punhos cerrados, não haveria aí palavras humanas que a pintassem, não disse mais nada. Tomou nos braços aquele corpo de mulher que lhe jazia aos pés e encaminhou-se para a estreita ponte do Sália. Era o seu andar hirto, vagaroso, solene como o de fantasma: Parecia que as suas passadas não tinham som; que lhe cessara o coração de bater, e os pulmões de respirar. Viram – no atravessar, lento como sombra; como sombra, lento hirto, solene, internarse com Hermengarda na selva da outra margem.
>
> (HERCULANO, Alexandre, 1998, p. 119)

Percebe-se a bravura do herói, que apesar das dificuldades existentes se sobrepôs a todos os contratempos para salvar sua amada. Esse ímpeto de coragem, também é denotado em Ubirajara, na última prova realizada antes dele merecer a mulher que escolheu por esposa.

> Se queres merecer a filha de Itaquê, mostra, Jurandir, que és varão ainda maior que o famoso guerreiro que todos admiram. O grande pajé levantou o tampo do camucim e descobriu uma abertura, bastante para caber o punho do mais robusto guerreiro. Jurandir meteu a mão no vaso; o semblante sempre grave do guerreiro cobriu-se de um sorriso doce como a luz da alvorada, e seus olhos, mais contentes que dois sais, pousaram no rosto de Araci. O camucim da constância continha um formigueiro de saúvas, que o pajé havia fechado ali na última lua. (ALENCAR, s.d, p. 63)

Nota-se, que apesar de haver distinção nas narrativas, são seguidos os mesmos traços, próprios da estética romântica, na qual o autor eleva os feitos do seu destemido protagonista, intensificando a relevância dos mesmos nos romances de cunho histórico.

No que se refere à religiosidade, a mesma está presente nas duas obras, tanto em *Ubirajara* de José de Alencar, como em *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano. Porém, é imprescindível destacar que em relação ao indianismo, as crenças tem um papel de grande importância para sua cultura, onde os mesmos seguem um líder, que é tido como um Deus entre eles.

Os indígenas honram suas tradições, que podem ser vistas nos romances alencarianos, demonstrando que os índios seguiam fielmente as suas doutrinas, venerando os princípios morais da tribo que pertenciam independente da situação eles continuavam professando a fé que acreditam.

O índio sempre procurou evidenciar a sua conduta em convívio, enfatizando a importância do valor cultural e étnico para sua crença, cultivando assim sua identidade nacional sem fugir de seus princípios. Na composição do romance *Ubirajara*, Alencar deu ênfase à representação da figura, costumes e ritos desse ícone brasileiro. Além disso, o indianismo e suas peculiaridades contribuíram muito para o período romântico. Alencar reproduziu essas características por meio da descrição dos costumes, traços e estilos da tradição do aborígene.

Em *Eurico, o Presbítero*, o personagem principal entregou-se a vida religiosa pelo fato de um amor mal sucedido, assim, ele se refugiou no presbitério para tentar esquecer Hermengarda. No entanto, o celibatarismo não se deu pela vocação e sim pela frustação vivida por Eurico. Vale ressaltar que, mesmo sendo padre e depois se tornando o cavaleiro negro, seu objetivo era defender a sua ideologia, a pátria e seu território.

> A ação, que tem como herói o gardingo-presbítero Eurico, passa-se no crepúsculo da civilização visigoda na Península Ibérica. No fundo, é uma biografia heroica dum cavaleiro apaixonado por Hermengarda, mas cujo amor se não consuma por oposição daquele que não chegaria a ser seu sogro. Eurico, num ato de impulsividade despeitada, fez-se sacerdote católico. Porém nunca conseguiu esquecer aquela que fora o sonho de sua juventude. Acontecimentos funestos para o domínio visigótico na Ibéria puseram Eurico em contato direto com Hermengarda, em circunstancia de todo dramáticas: ela, caída em poder do amir

> árabe vencedor dos cristãos, é salva *in extremis* pelo heroico Cavaleiro Negro que era nem mais nem menos, o próprio Eurico. Naquele fim de mundo, nada nem ninguém poderia impedir que Eurico casasse com hermengarda. Contudo, o celibato eclesiástico de Eurico inibia-o de fazê-lo, daí a loucura de Hermengarda e o combate suicida em que Eurico voluntariamente entra.
>
> (BEIRANTE; CUSTÓDIO, 1977, P.6)

Para Beirante, a decisão tomada por Eurico foi pura impulsividade, onde o mesmo se deparou com uma situação conflituosa, pois não queria acreditar naquele momento em que fora negada a mão de Hermengarda. Assim, viu no sacramento religioso uma forma refúgio para esquecer a amada.

No fim, a vida eclesial sendo iniciado pela frustação amorosa, acaba tendo um desfecho trágico. Eurico decidiu que, por mais que não fosse sua vocação ser um sacerdote, atribuiu a ele a missão religiosa e moral, preferindo suicidar-se, impedindo que o enlace matrimonial fosse consagrado, honrando o celibato clerical.

No que se refere a *Eurico, o Presbítero*, o protagonista da trama se entregou a vida religiosa por causa de um amor mal sucedido. O mesmo procurou refúgio no presbitério para tentar esquecer a raiz dos seus problemas. No entanto, o celibato não se deu pela vocação e sim pela frustação vivida por ele. Vale ressaltar que mesmo exercendo a função de padre, Eurico não deixou de lutar para defender sua pátria e religião, que respeitava mesmo estando nessa condição para se esconder da dor amorosa.

A questão religiosa nos dois exemplares pode ser percebida da seguinte forma: em Eurico é marcada pelos conflitos entre cristãos e mulçumanos, que na verdade se transformou no estopim para toda ação desencadeada durante a narrativa. Em *Ubirajara,* isso ocorre de outra forma, pois neste, não há uma disputa pela fé. Aqui, a devoção do indígena é retratada através de ritos e crenças, fidelizando o ideal do escritor em recriar um homem originalmente natural.

Tanto em um quanto no outro, podemos notar haver um grande respeito pela fé, pois o primeiro denota amor por sua bandeira e condena os traidores da igreja que não honram o cargo a qual ocupam, ambicionando o poder por meios vis. Estes são os que mais mereciam o julgamento divino, para pagarem por seus erros. O segundo segue e

obedece aos costumes do seu povo, manifestado pela forma que luta e defende os interesses seus e da nação a que pertence.

Um componente importantíssimo na personalidade do herói romântico está relacionado à fidelidade, que é uma característica essencial do cavaleiro medieval, sendo que, esse era tido como um protótipo para os autores ao descrever seus guerreiros. Portanto, em *Eurico e Ubirajara* essa é uma qualidade frequentemente encontrada.

No mito alencariano, a lealdade é denotada por meio das ações do personagem. *Ubirajara* é apresentado como um ídolo incapaz de cometer um ato que não fosse digno de sua grandeza. Isso pode ser confirmado através de passagens que enaltecem o caráter do protagonista, como no momento em que ele reconhece que não pode levar a esposa conquistada a partir dos desafios vencidos para esse fim, (ALENCAR, s.d, p. 74) “se Ubirajara tivesse rompido a liga de Araci, ela era sua esposa, ninguém a arrebataria de seus braços. Mas a virgem tocantim não pode abandonar a cabana onde nasceu sem a vontade de seu pai”.

Portanto, fica evidenciado que, apesar dele ter vencido as provas para conseguir a mulher desejada, não passou por cima dos costumes. Ele respeitou as regras impostas pelo pai da mesma, mas não desistiu de lutar pelos seus direitos, (ALENCAR, s.d, p. 75) “Ubirajara é um guerreiro: ele não aprende com o goaná do lago, que foge do perigo, mas com o gavião, grande chefe dos guerreiros do ar, que nunca mais abandona o rochedo onde assentou a sua oca”.

Nesta passagem nota-se a reafirmação de fidelidade do ícone épico, que se mostra como um ser corajoso e forte, demonstrando que nada o fará mudar de propósito, mesmo que seja necessário entrar em guerra com seus opositores, que lhe afastaram da sua amada.

Os atributos de lealdade em *Eurico, o presbítero* são claramente vistas em suas convicções de entrega pelo que defendia com toda sua determinação. Estas estão relacionadas ao celibato e a defesa de sua terra natal, a qual estava sendo invadida pelos árabes. Com a invasão dos rebeldes, era sabido que tudo seria modificado,

inclusive a religião e a cultura. Eles imprimiam um novo modo de vida e todos eram obrigados a seguir esse estilo.

Entretanto, Eurico não aceitava essa condição, por isso se transformou em um dos maiores combatentes contra o império mulçumano, lutando bravamente pelo solo espanhol e pela religião cristã. Assim, podemos considera-lo como um homem fiel aos seus princípios, incapaz de ser corrompido pelos modelos de outra civilização oposta a dele.

Quanto à vida amorosa, Eurico a mantinha guardada em sua alma, pois o cargo o qual ocupava, não permitia nenhum tipo de aproximação feminina. Seus sentimentos de dor, provocados pela paixão recolhida eram ocultados pela função que exercia como presbítero, assim ele conservava a fidelidade por Hermengarda, se entregando as questões sacerdotais e não a outra mulher. “Mas o sol apenas nasceu para mim, logo desapareceu no ocaso, e os que me creem alumiado mal pensam que vivo em trevas”! As minhas paixões não podiam morrer, porque eram imensas e o que é imenso é eterno. (Herculano, Alexandre, 1998, p. 34)

Nessa passagem é notável o sentimento de frustração do personagem, que admite não poder esquecê-lo, mesmo estando em atividades divinas. O amor dele era pra eternidade, um anseio fielmente guardado no coração de um homem amargurado.

Conclui-se, que Ubirajara como herói romântico brasileiro e Eurico como europeu, possuem características que se assemelham em alguns aspectos relevantes, que fazem das duas produções, grandes epopeias de renome. Elas possibilitam fazermos um retorno à história, imaginando o cenário, espaço e a sociedade da época, com descrições fantásticas da vida em um sistema coletivo organizado e outro selvagem.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados em relação às representações do cavaleiro medieval no herói indianista, podemos concluir que, o índio teve grande importância na luta pela afirmação da literatura brasileira. Nota-se também, que houve várias manifestações referentes à evidenciação do indígena como elemento de exaltação, entretanto o mesmo obteve maior destaque com José de Alencar em seus romances de caráter nativista.

Como papel de realce, os aborígenes exerceram figura central na primeira fase da estética romântica. Foram eles que inspiraram os artistas a expressarem de forma mais abrasileirada, abandonando os modelos europeizados e apreciando os componentes existente em nossa própria nação, recém-independente do domínio português no âmbito cultural e social.

Por isso, este foi um estudo que visou uma reflexão acerca da função exercida pelo nativo, principal representante do Romantismo brasileiro. Foi por meio dele que os escritores Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar se sobressaíram em suas produções, destacando em suas obras os principais dados que visavam à valorização dos costumes e cor local, enfim, distinguindo a nova identidade brasileira.

Percebe-se, que no romance *Ubirajara*, o autor propôs ao leitor um olhar reflexivo sobre o momento de busca de afirmação da nacionalidade, enaltecendo o natural, as riquezas e o cenário, que não havia sido corrompido pelos europeus, assim, Alencar idealizou os índios como seres leais e fiéis, que lutavam com bravura para defender seu povo e seus ideais.

Confirmando esse pensamento, o escritor deu a ele características marcantes, o qual colocava próximo aos romances de cavalaria, onde há a presença de guerreiros, que lutam por um objetivo, sendo capaz de entregar a própria vida para defender os princípios de uma sociedade ou de si mesmo.

Pôde-se identificar que, ao descrever seu herói, o autor procurava elevar seus feitos, comparando-o aos guerreiros da era medieval, que eram referências na arte

europeia. Dessa forma, é possível afirmar que, mesmo tentando se desgarrar dos preceitos antigos, a manifestação literária da época ainda se servia de algum modo dos modelos estrangeiros, porém com temáticas voltadas às peculiaridades locais, tornando assim, uma produção autêntica e atraente aos olhos de países com tradições mais antigas que as nacionais.

Por fim, vimos que foi Alencar o maior produtor dos romances que visava expressar a beleza verde amarela por meio da sua imaginação criadora, que enalteciam o natural como forma do belo e aliado a isso, tinha na figura tupinambá, seu maior valor de expressividade. O índio era o principal ícone de suas criações literárias. Dessa maneira, de nada se diferencia o caráter de Eurico com o de Ubirajara, somente o espaço e a sociedade a qual pertenciam. Assim, o autor o retratou com todas as qualidades inerentes ao cavaleiro medieval, dando ao mesmo *status* de herói e símbolo pátrio.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mirhiane Mendes de. **Verossimilhança e indianismo em José de Alencar**. In: BOECHAT, Maria C.; OLIVEIRA, Paulo M.; OLIVEIRA, Maria P. **Romance Histórico:** Recorrências e transformações. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. P. 117 – 128.

ALENCAR**,** José de. **Iracema**. Editora Paulus. 1ª Ed. São Paulo. 2005

_____**Ubirajara**. Editora Saraiva. 4ª Tiragem. São Paulo. S.d.

BEIRANTE, Cândido; CUSTÓDIO, Jorge. Alexandre Herculano. Secretaria do Estado da Cultura. Lisboa, 1977.

CÂNDIDO, Antônio, 1918 **- Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 6ª Ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. [et al]. **A personagem de ficção**. 9ª edição. São Paulo. Editora Perspectiva, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil. Editora Global**. Vol.3. São Paulo, 2002

_____. **Conceito de Literatura Brasileira**. Editora Vozes. 2ª Ed. Petrópolis, 2008.

FERDNAND, Denis. "**Resumo da História Literária no Brasil**" In: CÉSAR, Guilhermino, **Historiadores e Críticos do Romantismo**. A contribuição Europeia: Crítica e história literária. São Paulo. EDUSP, 1978.

GRASSI, Ernesto. “**O mito e a arte**”. In: **A arte e mito**. Lisboa: Edição livros do Brasil. P. 73.

HERCULANO, A. **Eurico, o Presbítero**. 6ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1982.

_____. 10ª Ed. Editora Ática. São Paulo, 1998.

SANTIAGO, Silvano. Roteiro para uma leitura intertextual de Ubirajara. In: ALENCAR, José de. **UBIRAJARA.** 8ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1984. (texto introdutório do romance Ubirajara).

VERÍSSIMO, José: **Teoria, crítica e história literária** (seleção e apresentação de) João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro Livros, Técnicos e Científicos; São Paulo, Ed.da Universidade de São Paulo, 1977.

COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

RODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA

CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

( ) Projeto de Pesquisa

(X) Monografia

Declaro que as acadêmicas IRAILDES PERERIRA DE SOUSA PASSOS e MARIA LÚCIA GOMES DE SANTANA realizaram cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada da Monografia, estando apto a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

(X) Concluída e finalizada (redigida e digitada).

( ) Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).

( ) Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

( ) Realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

( ) Não realizou a Monografia passo a passo, conforme a orientação do orientador.

( ) Trouxe a Monografia finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

_____

_____

Posse (GO) 07 de Novembro de 2016.

COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

Orientadora

PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA

CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, _____, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa da Monografia do Curso de Letras Português/Inglês das acadêmicas **Iraildes Pereira de Sousa Passos e Maria Lúcia Gomes de Santana**, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), _____ de novembro de 2016.

_____

Professor (a)

Professor: Iara Cristina Soares dos Santos

COORDENAÇÃO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
Endereço: Rua São Conrado Quadra 12, Lote 28.1-A Setor Norte - Iaciara - Goiás

Telefone fixo: 623471175 Cel.: (62) 996772534

PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA - MONOGRAFIA

CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que a minha Monografia apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês da Unidade Universitária de Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Monografia.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), _____ de Novembro de 2016.

_____

Acadêmico (a)